

ALBORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 135

Editor, Abel de Vasconcelos Gardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 19 de Junho de 1913

Comp. e impressão, Tip. Mierva Vimaranesse

Boémia Jornalística

COMEDORIAS

Muito interessante, pitoresca, no *Primeiro de Janeiro*, a crónica de Júlio Dantas sob o título—«Como se comia em Portugal no século XVIII», e cujo tema científico é de como se come pessimamente quando se come bem ou de bem comer mal haver, cousa em que o médico se não casa perfeitamente com o literato de forma brincada a idea boémia.

Vem citado no artigo o Regulamento da Ucharia e Cozinha da Casa Real, que o Marquês de Pombal publicou impondo sobriedade e armando à temperança. Fêz mais o talentoso estadista—por decreto de 23 de Maio de 1765 declarou não isentos de direitos os géneros para fornecimento das Riais Ucharias. Obra de tomo, sempre o foram as ucharias riais...

Antes, a 2 de Abril de 1762, foi publicado um curioso decreto. Ordenava que em Campanha e nos Quartéis, em que estivessem as tropas juntas ou separadas, só fosse permitido ao General comandante em chefe do Exército dar mesa aos Generais Militares—«com tal declaração porém, que ainda na mesa do mesmo General não poderá haver nem mais de 20 pessoas, nem mais de uma coberta de vinte pratos sorteados da cozinha; e outra coberta respectiva de fruta e de doce; nem peça alguma de prata, que não sejam colheres, garfos, facas e cafeteiras; nem louça alguma da Ásia...». Os Mestres de Campo Generais, Sargentos Mores de Batalha e seus Ajudantes de Campo e Officiais de Ordens não podiam exceder—«um prato de sopa, outro de cozido, outro de assado, e outro guisado» e quatro pratos de doce, fruta e queijo.

Entretanto, o Senado de Lisboa ordenava a 27 de Março de 1765 «que de hoje em diante não usem os Taberneiros desta cidade de ramos nas portas, mas sim de taboletas de madeira pintadas, como sempre se praticou»; e como os géneros andavam «por preços exorbitantes» proibiu «a escandalosa culpa da travessia»...

Bons tempos, felix gente.

INTERNATO MUNICIPAL

Contra este estabelecimento, verdadeiramente modelar, incontestavelmente dos milhores do país, está sendo movida uma campanha infamíssima, exclusivamente feita de calúnias e mentiras, as mais vis, as mais abjectas. Vem de tam baixo essa campanha, são tam desqualificadas e desprezíveis as suas origens, que não podem pessoas dignas responder-lhe. Em Guimarães, onde todos conhecem os individuos que fazem parte da Câmara e onde se sabe que é director do Internato o dr. Eduardo de Almeida, deputado da nação, secretário da Câmara de que faz parte, escritor, advogado e orador dos

mais illustres, intelligência vasta que tem sido demonstrada sob tantas modalidades, que ainda há bem pouco, numa obra dessas que fazem a reputação dum escritor e sociólogo—A Família e a Evolução Social—evidenciou os seus vastissimos conhecimentos e aturado estudo dos mais difficeis problemas sociais, obra que mereceu de criticos insuspeitos e de elevada cultura os mais encomiásticos elogios, carácter lidimo, impoluto, sobre o qual só garotos podem querer vomitar qualquer assomo de mancha,— não era necessária esta simples referência à odiosa campanha, pois que não pode haver um unico vimaranense digno e honrado que sobre ela não escarre o seu nojo, a sua profunda revolta, por ver até que ponto há a coragem de mentir torpemente, de infamar, até na sua vida mais íntima, quem só exemplos de hombridade, de absoluta dignidade moral, pode dar.

Referimo-nos, e por esta vez sómente, a essa campanha, para garantirmos aos estranhos a esta terra, desafiando qualquer homem de honra a que nos desminta, que só de calúnias ela é constituída, e levantada por quem para tal tem o bôjo e baixeza moral indispensáveis, com fins jesuiticos, e, ao mesmo tempo, na intenção muito provável de, num lucrativo negócio de interesses, promovendo o descredito do Internato, fazer medrar outras casas que por aí há, congéneres no nome sómente, e que estão bem longe de satisfazer aos mais rudimentares preceitos de hygiene e pedagogia moderna.

E' isto que nós queremos que se saiba, visto que da calúnia às vezes alguma coisa poderia ficar.

E basta.

ECOS

o grande caso

A bomba sindicalista atirada à passagem do cortejo camoniano, em Lisboa—foi uma monstruosidade criminosa.

Os anarquistas que seguem a escola do Kropotkine,—o idealista altamente humano e social—protestaram. Nós protestamos tambem.

A propaganda sindical, propaganda de facto, deve envergonhar-se de ter produzido semelhantes frutos.

Salas viveiros

Sem procuração do sr. inspector escolar, a quem accusam de não ter consentido a guarda dum sala das Escolas Centrais, ao mesmo tempo que permite a guarda dum cão dentro da ex-capela do referido edificio, temos a dizer o seguinte:

Até há pouco não era verdade que o cão estivesse na referida capela, e não é de supor que ele lá esteja agora, se atendermos a que o cidadão funcionário, em certa ocasião, não achando bem que uma sala houvesse sido por um professor transformada em viveiro de galinhas, do facto deva conhecimento à Câmara para esta proceder. Esta atitude deixa facilmente notar que se trata de mais uma exploração—religiosa.

Sem voto

Desta vez uma lei preceituará que aqueles que não saibam ler não tenham voto. Acreditemos que para alguns isso seja o sossêgo, —livres enfim das ameaças do patrão, do senhorio e do agiota em vésperas de eleições.

Sossêgo, todavia, que para um analfabeto inteligente — como os há — deve muitas vezes transformar-se em desânimo ao pensar — o infeliz —, que é um cidadão votado à margem para as coisas públicas.

Quando o voto seja uma afirmação consciente, semelhante disposição deve vexar o cidadão analfabeto, acabando, talvez, por levá-lo à escola.

Até lá... o cacique, que tinha no analfabeto a sua grande força—voltar-se há para outro lado.

Os dêle...

João de Deus, o ex-correspondente da «Palavra» e hoje correspondente do «Janeiro», tam solícito sempre em dar noticia de todos os lausperenes, missas e festas religiosas, tudo com um detalhe de minúcia que bem revela nêle a marca dum fiel católico, anda sendo por aí aporrinhado só porque um dia escreveu dizendo que achava bem que se sacrificasse uma igreja ao aformoseamento dum local.

Temos tambem a nossa opinião, mas não é disso que se cura saber. O que importa é apurar se quem dá o seu voto para que seja demolida uma igreja para aformoseamento dum local incorre ou não num agravo ás coisas da sua fé. Se incorre, João de Deus procurará no jejum e na penitência a remissão da sua culpa... enquanto os Paolopos o franciscanos explicam e porque foi que em 1887 se demoliu a histórica capela de S. Tiago, em 1892 a igreja de S. Sebastião, a capela da Anunciação no Largo Martins Sarmento, a capela do Campo Santo, etc, etc? Mas esta gente finge ignorar que em todos os tempos se sacrificaram templos como edificios, a estática e melhoramentos públicos.

Em tudo veem agravos à Santa Religião... não poupando nem os seus.

PELA NOSSA TERRA

UM CONLÚIO INFAME CONTRA O INTERNATO MUNICIPAL

Um jornal ao seu serviço

Dissemos no nosso número passado que seria talvez conveniente que os 3 prefeitos saídos do Internato falassem alto e claro, já que na hora amarga da despedida os 3 prometiam dizer coisas, revelar muitas coisas—embora hajam factos que por decôro próprio se não devem assoalhar...

Que falassem, todavia, se as suas acusações tendiam a fazer obra de depuração proveitosa para a vida a portas a dentro do referido estabelecimento de ensino, pois, em verdade, bem valia cuidar do seu prestígio e da sua eficaz administração, tendo em vista o muito que com isso aproveitaria a terra de Guimarães.

Na espectante situação esperamos a obra dos 3, (só os 3?) já que tanto prometiam à curiosidade, sempre ávida de escândalo e de linguarice. A público vieram, efectivamente; mas como o fizeram eles? Uns prometendo, num novo adiamento, outros insinuando em interrogações mal seguras! E' isto sério tratando-se de mais a mais dum estabelecimento, por assim dizer, em elaboração? Não é, evidentemente.

O que lemos, numa variada e estopante massadoria que quasi levava de lés-a-lés a gazeta mancomunada, foi, repetimos, não acusações concretas, revelações autenticadas, mas um chorilho de baboseiras feitas numa linguagem que logo denota este fim:—jo de fazer mal a pessoas e à instituição!

Essa trindade cujo seu espirito santo... de orelha é o sr. Moniz, do Internato do Beringel—aquele mesmo que na gazeta dominical usa diversos pseudónimos, como disfarce para milhor atacar—bem sabe o que faz e mais o que quer quando, sem vergonha e sem escrúpulo, não põe dúvida em desempenhar idêntico papel ao daquelas criadas despedidas que, enquanto lhes arde o pontapé dos amos, por toda a parte chocalham, badalam e desfiam tudo quanto veem que pode servir para deprimir e vexar, para perturbar e perder. Tal é o papel dos 3.

A sua obra é, portanto, uma obra—infame! Eles sabem que da sua acção de descrédito, de intriga e de vilania alguma coisa fica, alguma coisa resiste à própria desconfiança que sempre inspiramos... despedidos, tanto mais que aos pais dos alunos de preferéncia se dirigem lisongendo-lhes a sua fé católica—como se a neutralidade que absolutamente se

mantem a dentro do Internato não fosse segura garantia de respeito aos principios de doutrina e de fé de cada um.

Malsinadores conscientes, essa trindade que não acusa ainda, mas insinua já; que evidencia não demonstrar nunca, mas prometer sempre; essa trindade que julga indisciplina o Internato, ao mesmo tempo que aplaude esse acto de indisciplina conhecido pelo caso das «grizetas»; essa trindade que provou não ter competência, nem critério, nem probidade, nem cunho pedagógico, e agora nem sequer vergonha para bem desempenhar a simpática e importante função da prefeitura de que estiveram entregues, é, em rigor de frase, uma trindade sem autoridade, uma trindade ridícula!

E fiquemos-nos por aqui, visto que, por enquanto, só insinuações e promessas eles despejam sobre o Internato — a instituição por quem este jornal veio e virá de novo à estacada, atendendo a que a sua existência é necessária e proveitosa para os interesses da terra de Guimarães.

Se por igual forma essa gazeta dominical o houvesse compreendido, não teria decerto oferecido as suas colunas—de lés-a-lés, quasi—, para uma campanha cujos intuitos e propósitos se desenham bem nítidos e bem palpáveis, como facilmente descobre quem leia a estirada prosa dos 3. Inútil, porém, o reparo. A referida gazeta secundará, auxiliará, baterá as palmas de gáudio infernal sempre que alguém arreganhe a dentuça para abocanhar a Câmara que trabalha, a Câmara que vem cumprindo com intelligéncia e com vontade o seu dever,—inclusivé quando teve a justa idea de municipalizar o Internato.

São, pois, da mais refinada hipocrisia as suas palavras quando escrevem que muito os contrariaria a perda do Internato, «não pelo cheque que a Câmara receberia»—sabe-se—mas pelo muito, pelo grande, pelo intenso, pelo nunca visto amor que votam a esta terra «iminentemente católica». Se fosse possível a essa tropa fandanga, que escreve e inspira a gazeta, ser sincera como se mostra ser iminentemente pulhostre e reles, por certo que a sua sistemática opposição à Câmara teria ao menos poupado a sua opposição ao Internato ao qual, sobretudo, não perdoam um programa onde se não regeitam nem impõem credos religiosos ou políticos.

E basta... por enquanto.

A Diplomacia

Foi julgada inútil e por isso mesmo extinta a legação junto do Vaticano.

O parlamento fêz bem. Despidas as calças, as alças que as sustinham deviam desaparecer.

Já assim pensava o Congresso do Livre Pensamento reunido em Roma, em 1904, quando pelo voto dos mais altos representantes na política e na ciência mundial proclamavam esse golpe como sequência lógica da separação do Estado da Igreja.

A República dispensa essa... agência de negócios eclesiásticos.

Campanha estercorária

Os miseráveis que vomitam sandices na folha de couve dominical, insultam agora na sua probidade pessoal o sr. dr. Eduardo de Almeida, director do Internato Municipal.

Semelhante procedimento só é próprio de malandros e da vil escória sem vislumbre de dignidade, para quem toda a discussão não vale a lógica dum ponta-pé — tão sujos e tão ordinários se revelam.

Semelhante maneira de arremeter e de atacar não é nova, não é de agora.

Sempre ali, na depravada gazeta, se tem ameaçado uns e agatanhado outros, não já na preocupação doida de atacar a maneira de ser política de adversários, mas nos sentimentos pessoais, na vida íntima, nos afectos de coração de quem vale — deixem que isto se diga — incomparavelmente mais que os bandalhetes... de quem rezam já as crónicas policiais.

Mas que a grande circulação delire... já que gostosamente os aprecia.

A História não é feita por la-trinários.

O padrão

O armário que fazia de nicho a uma imagem, desfezendo aquele monumento histórico que é o padrão junto do templo da Oliveira — foi abaixo. A beata ignorância faz chiada e ouve até illustros e proclama cidadãos que tendo-lhe dado ouvidos, correram pressurosos a saber se era o próprio padrão que ia ser arrazado. Assegurados, porém, de que não era como diziam, uma coisa lhes esqueceu fazer: pedir desculpa à Câmara de a haverem julgado capaz de arrazar monumentos históricos!

"Dispersão da vontade,"

Escrever um artigo de anatomia social como com talento e com arte o escreveu neste jornal o dr. Eduardo de Almeida, é isso, para os burrancas da gazeta dominical, produto de desmoralização condenável.

Quer isto com paciência dizer que se os illustres pedaços de asnos podessem, como em tempos imemoriais, inspirar um index expurgatório, por certo condenariam ao fogo, além dos seus autores, as obras realistas que vão desde a bíblia sagrada e livros de moral para o confessorário, ás obras de Zola, Eça, Junqueiro, Abel Botelho etc.

Os burrancas!

CINEMATÓGRAFO

Exibir-se hão domingo, no teatro Gil Vicente, as sensacionais fitas **Mulheres de bronze e Bombeiros do Porto**, exercício realizado em 25 de Agosto de 1912 por ocasião do simulacro de incêndio que naquela cidade teve lugar.

CARTAS LITERÁRIAS

Lá vem a "Senhora,, á vila

(MEMÓRIAS)

O! como é lindo! como é lindo! Vinde ver!

E' a «Senhora» que vem! E' a «Senhora» que deu a volta à serra e aí torna, sob o sol, entre a poeira, com os guiões, os seus zabumbas e os seus cravos cheirosos!

Povo que tens boa alma, o coração alto, os olhos livres, anda amar, anda ver a tua Terra a abrir em flores, ao sol, a divina cantiga da sua tradição!

Olha as flâmulas, nos mastros, como gritam!

Ouve o trovão das peles como canta!

E os pregões, sob a fresca das carvalhas, como se ameigam!

O' povo! ó povo! — são o teu corpo, o teu sangue e o teu coração admiráveis, exultando!

**

E' o meio-dia, a canícula, a preamar acinzentada do céu meridional!

A' bôca do caminho, no Cano, surgem os zabumbas, atroando; povinho vestindo de novo vem mergulhando para debaixo das carvalhas da Condessa; à frente, descobertas, veem abstractas figuras de amortalhados, de saia de rendas, coroa de rosas e o varapau empunhado; pregões de limonada erguem-se com harmonia e um lindo sabor serrano; e a onda vai crescendo e vem chegando; agora é uma vaga de povo, colorida e berrante, entre a poeira, que começa aparecendo, de guarda-sol aberto, a jaqueta no braço e o lenço em bico a volta do colarinho engomado; ao abrazame do sol, os chapéus abertos envolvem o busto dos caminhheiros numa forte e azulada sombra de estio; a poeira sobe mais e mais próxima, e eis surgem, numa agitação complicada de braços, os zabumbeiros e tamboreiros, figuras glabas e vermelhas e suadas, que arqueiam sobre o casco do instrumento o peito largo e forte de serranos, do qual, através a camisa com peitilho em ponto de renda, se descobrem os ásperos cabelos do torax!

—Vamos à limonada!...

Exercício de força e de ruído, não há orquestra mais alegre que o bombo e a caixa, em companhia. Suam e troam! Em mangas de camisa, com o lenço de cores, em murreão, apertado sobre a frente e a nuca, os tamboreiros e zabumbeiros batem com alma, batem e são gigantes, batem como para vencer, arruinar, hercúleos, e riem sempre!

O povo agora é em maior número. Numa aberta entre os romeiros, e ao centro da ronda, veem surgindo os guiões, altos pinheiros delgados, com coroa redonda de gibardeira tufando-se sobre a flâmula rubra, e elevados a pulso por alegres e rijos rapazes do campo, vermelhos do calor e sem casaco, que nem por serem novos deixaram de trazer, tradicionalmente, o murreão mourisco dos velhos da caixa forte e do zabumba.

—Para a milagrosa Senhora da Lapinha!...

E agora são irmãos mezários da «Senhora» que, com a aza da opa branca, de lá, pela cabeça torrada de sol e os beiços cheios de cuspo sêco, erguem a salva de metal amarelo e a vara de prata, pedindo, para as janelas, às senhoras de sombrinha vermelha descerrada e claros leques aguarelados acenando.

—A' gua fresca, muito fresquinha!

E agora é o andor da ronda, com a «Senhora» entre lentejoulas e a chuva de prata da trêna aos adornos. Povo, povo, anda vêr, volta-te ao caminho, afasta-me esses ramalhos. Olha agora a onda dos romeiros como vem cerrada e empoada. Olha as cantarinhas dos vendedores como reluzem ao sol. Ardentes e nervosos, os mezários pedem mais, erguendo mais alto as salvas. —Para a milagrosa senhora da Lapinha!

E eis a «Senhora» que passa: tem as faces coradas como as moças bonitas da montanha; o seu cabelo abre em dois bandós lisos e suaves, como os das nossas mulheres; lindo colarete de rendas envolve a sua figurinha de serrana ameigada; a sua coroa glorifica a ternura, o seu manto cobre a virtude, o seu andor embla uma crença. E' da serra, a «Senhora», e tudo reluz à sua volta; como no peito das aldeãs, como na onda elástica das feiras, como ao marulho incógnito das cearas — tudo reluz, tudo canta! E atrás vem o senhor padre, revestido e coberto de pó, com a sombrinha de cana aberta contra a vermelhidão do solstício; e logo atrás a música, a de Golães, que tem sete fôlegos, como se faz mister para uma jornada.

Povo, povo, caminho, segue vendo. Agora a romagem desce o Carmo, e tocam os sinos grazinas das freiras, e mais abaixo, numa graça maior, os de outro convento: os das Trinas. Lá adiante vão os bombos, que ainda agora se ouvem, através este marulho de onda dos romeiros e da filarmónica. Pregões de água fresca cantam entre os devotos, e os limoreiros da aldeia erguem a cântara a cabeça e empunham o copo de vidro cancelado. Outros sinos, de outro velho convento — os de Santa Clara — fanicam um repique. Agora o andor desce sobre o pasadizo do Conde do Arco, e o povo aperta-se na linha estreita e longa da rua.

Guiões enormes, com bandeiras esvoaçando, chegam até um terceiro andar de habitação. Grita a música com mais estrondo. E agora é a «Senhora» que dobra a esquina e entra na Oliveira, quando os sinos tangem repique, as janelas se enchem de povo e de côres, os bombos atroam e, ao redor do largo, na sombra dos prédios, doceiras da cidade vendem o pão de ló e os rosquilhos.

Alfredo Guimarães.

GIL VICENTE OURIVES E POETA

(Resposta a uma referência ao meu artigo «Gil Vicente», publicado no n.º 133 deste jornal).

Dizia Alfredo Guimarães, no passado número deste jornal, que eu ainda (!) fazia a discussão do velho assunto das duas figuras: Gil Vicente poeta e Gil Vicente ourives. O meu espanto em êle se espantar é certamente maior que o seu

nos mereça maior confiança o seu autor e conforme o entusiasmo com que é defendida!

Não há portanto que me achar atrozado no conhecimento da documentação histórica (ou lendária?) sobre se Gil Vicente foi a um tempo poeta e ourives, ou se houve duas individualidades que, no entanto, foram parentes (tio e sobrinho). Brito Rebelo já vacilou entre duas opiniões, ora firmado na sigla dum documento «Gil Vicente trovador, mestre da balança», ora diferenciando duas assinaturas do mesmo nome, uma de 1515 e outra de 1535. E é aí, talvez, um dos pontos onde o Alfredo achou argumento para a sua análise, como diz Brito Rebelo, referindo-se a elas: «E' muito diferente da que que autentica o recibo de 25 de Setembro de 1515, vinte anos antes, mostrando que são dois indivíduos». E Teófilo Braga, fazendo considerações sobre este assunto, desdenha dum tam fútil argumento. Ele próprio não terá ainda no fundo da consciência uma opinião segura, embora se afirme agora a favor de duas individualidades — o poeta palaciano e o lavrante da Rainha.

Firmado em vária documentação e na genealogia de Gil Vicente, em que apresenta dois ramos descendentes, um de Gil Vicente, mestre da Balança, etc., e outro do poeta Gil Vicente, parece-lhe além disso desrazoável que um mesmo homem se podesse dedicar juntamente ao labor de exímio joalheiro e às lucubrações de genial comediógrafo. Sim, efectivamente é de assombrar os mais pequenos que se encerre tanto poder criador num só artista! Contudo, quantos se não tem visto de tamanha grandêza? — E Miguel Angelo? E Victor Hugo?...

Surge ainda um ardente apolo-gista duma única personalidade, em Braamcamp Freire, fundamentado também na sigla encontrada: «Gil Vicente trovador, mestre de balança» e diz: «Estas palavras escritas em vida de Gil Vicente, por pessoa que não podia adivinhar as futuras dúvidas acerca da identidade do Poeta e Ourives; por pessoa que tinha faculdade especial para dentro da Torre do Tombo anotar Livros da Chancelaria régia, nesta e, note-se, em outras várias folhas; estas palavras, repito, dadas todas as circunstâncias acima especificadas, revestem uma tal autoridade e peso que equivalem a um documento autêntico, coevo...»

Outros aparecem, como Mendes dos Remédios que diz: «Pode dizer-se que, à hora actual, tudo milita em favor da opinião que unifica os dois artistas, o da pena e o do cinzel, numa mesma personagem.» E depois refere-se ao documento de 4 de Fevereiro de 1513.

Estas afirmações modernas, embora modernas sejam também as de parecer contrário, me levaram a mim, que as li e não sou um estudioso, a unicamente perfi-lhá-las, sem me tornar intransigente perante as bem defendidas opiniões de outros (o Alfredo está neste caso) que, como eu, as aceitaram. O que eu disse nesse artigo meu não constitue, portanto, uma afirmação categórica, como tentei provar que o não sam aquelas dos mestres onde fui beber a minha. Não há, por conseguinte, que me criticar; há que criticar os que me ensinaram, se da parte do crítico houver competência para isso.

E não alongo mais a minha resposta, nem quero com ela iniciar fastidiosas discussões sobre um tema que a outrem, mais sabedor, pertence e não a mim. Apenas termino dizendo que onde não existir absoluta verdade, ela é de mais do que um...

Jerónimo de Almeida.

Sóror Mariana

Transcrevemos do nosso prezado colega o *Diário de Notícias*, de Lisboa, a sua impressão sobre a conferência acerca da freira *Sóror Mariana*, autora das célebres Cartas de Amor, que no Teatro da República daquela cidade realizou o nosso conterrâneo António Guimarães.

«Se a denominarmos um verdadeiro mimo literário, não exageramos. Dita num estilo fácil, elegante, burilado sem frases rebuscadas, exposta de uma forma atraente, singela, mas empolgando-nos a atenção de minuto a minuto, evocou ante os nossos olhos esse adorável tipo de mulher, que ocupa na literatura portuguesa um lugar muito especial, senão único. A descrição do seu carácter, o confronto que estabeleceu com algumas das mais cotadas escritoras francesas do seu tempo, o desenho da corte de Luís XIV, o quadro do que sucedeu em Portugal após a restauração de 1640, a citação de D. Francisco José de Melo, de Braz de Oliveira, o retrato do marquês de Chamilly, o estudo do coração da monja de Beja, os fenômenos psíquicos que a levaram a escrever as suas imortais epístolas de amor, foram de todo o ponto dignos de um escritor estudioso como é o conferente, e de um moço de largo futuro pelo seu talento e saber como é António Guimarães. A sala aplaudiu-o demorada e calorosamente.»

Sabemos que o nosso inteligente conterrâneo vai em breve ao Brasil realizar uma série de conferências, o que é prova de que o seu talento é justamente apreciado.

Jornalismo de... rapazes

Só rapazes?

Evidentes provas temos dado — na parte que diz respeito à pessoa do director deste semanário — de quão profundo desprezo lançamos à tropa fandanga que faz ou inspira a gazeta dominical. Abstraindo, porém, a parte de desinteresse e indiferença própria que lhe votamos — pois que, na prática, desde muito adoptamos o sistema de seguir avante deixando ladrar a matilha — alguma coisa há, todavia, que sempre é bom destacar para que se demonstre e patenteie que tal gazeta, pela sua falta absoluta de critério, é verdadeiramente obra de... rapazes.

E' ver-se. Toda a gente sensata e de bom conselho sabe que um filho, enquanto estiver em casa de seus pais, tendo dentro dela, embora, um lugar e uma opinião acomodada ao seu amor e à sua tolerância, não tem, contudo, *nem pode sequer ousar ter*, a supremacia e a força legal para impor, dentro dessa casa, uma vontade que brigue com o direito privilegiado e sagrado da autoridade paterna.

Por outras palavras, quer isto dizer que são os filhos que devem obediência aos pais e não estes áquelles, e, conseqüentemente, que a primeira vontade a fazer-se respeitar é a dos pais e não a dos filhos. Ninguém de inteligência honesta discorrerá por maneira diferente desta, proclamando preceitos de educação funestos e atentatórios do equilíbrio e da paz na família.

Como se dá, porém, a triste circunstância de existir entre nós uma gazeta redactoriada e escrita por rapazes, sucede que já ali se molesta e fere quem acata e respeita, sem revolta, a autoridade de seu pai!

Veem estas considerações a propósito de ter a referida gazeta pretendido insinuar, mais uma vez, que não conciliamos, em determinado caso, as nossas palavras com o nosso exemplo — pois aconselhamos os vimaranenses a iluminarem e a embandeirarem, em tal dia, em homenagem a Gil Vicente, não o fazendo, por nossa

vez, na casa onde habitamos. E como succede que a tropa fandangá, que tal escreve, não ignora que nessa casa onde habitamos o seu chefe não somos,—embora como filho tenhamos nela um lugar e uma opinião—duas conclusões somos levados a tirar do tolo e estúpido reparo: que ou não foram suficientemente educados, ou, tendo-o sido, nunca souberam ser bons filhos.

Não aceitamos, no entanto, esta conclusão em absoluto; outro pensamento os move quando fazem insinuações dêste quilate—que não é a primeira.

Eles teem em vista tirar qualidade, tirar prestígio, confundindo-nos, amesquinhando-nos, já que para eles todas as doutrinas, todos os programas e todos os princípios se cifram numa questão de pessoas—os desgraçados!

E', pois, evidente que eles fingem ignorar até onde é lícito que vão os nossos direitos de filho, simplesmente, unicamente para ludibriarem, para mentirem, oferecendo-nos aos olhos dos que nos não conhecem como sendo uma criatura de sentimentos ordinários, sem ponderabilidade moral, de espirito e de carácter, sem um ideal concreto e definido, sem vergonha, como eles—os desgraçados!

E' por isso que a gente continua perguntando:—Só rapazes?...

Tournée Artística no Teatro D. Afonso

Nos dias 26 e 27, a Empresa Emiliano Abreu traz a Guimarães um grupo de artistas do Gimmásio, levando à scena duas peças de grande successo. A uma delas referiu-se o «Século» quanto ao seu argumento:

A Menina do Chocolate. Trata-se de mais um trabalho do grande escritor francês Paul Gavault, e o enredo caminha em volta de uma milionária, uma rapariga cheia de caprichos, filha dum rico fabricante de chocolate, a qual, em certa noite, vai dar a uma modesta casa de campo, propriedade de um humilde funcionário do ministério das finanças, que ali está passando a estação calmosa em companhia de um seu amigo, que se diz pintor, e da amante dêste.

Uma avaria no automóvel que a conduzia fá-la passar ali a noite com grande indignação do dono da casa, que espera a sua noiva, filha do chefe da sua repartição, e que, por causa dêste incidente, perde o casamento.

A Menina do Chocolate, que tem um noivo, como quer que êste se não insurja contra o caso, repudia-o e, ao ver-se amesquinhada e maltratada pelo manga de alpaca, fulo por causa da mulher que perdera, acaba por amá-lo, por pretender entrar num convento, até que tudo se remedeia, com a intervenção do chocolateiro, pai, do pintor e da amante, os quais conseguem convencer o amanuense, que casa com a milionária.

Manlick. Peça em 3 actos do grande reportório do Teatro Espanhol. Alguém que já viu a versão portuguesa de João Soler afirma-nos que é de seguro e brilhante êxito, devendo agradar ao público vimearanense, sendo de esperar que êste não perca ensejo de ver artistas de reputação como Pato Moniz, António Cardoso, Mendonça de Carvalho, Adélia Pereira, Elvira Bastos, Maria Matos e tantos outros.

Academia dos Estudos Livres

Chega no dia 21 do mês corrente a Braga, em combóio especial, a excursão promovida pela Academia dos Estudos Livres, aproveitando a ocasião da visita a Guimarães, Vizela e outras cidades importantes do Norte.

Jornal para todos

Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos. Vamos: enviem-nos a sua prosa, seja como for—contanto que nela se defenda um principio justo, razoavel, humano, atendivel.

O gradeamento da Oliveira

Sr. Redactor — Porque não lembra no seu jornal para que sejam também retiradas as grades que estão à volta do agora restaurado padrão da Oliveira e mais do páteo fronteiro ao histórico templo?

Não ignora que semelhante gradeamento foi ali colocado... no tempo em que não havia policia, e em que a possibilidade de um jardim público só cabia dentro duma jaula. Hoje não. Os gradeamentos vão sendo substituidos pela compreensão e pelo senso público, não se justificando que se profane com umas grades, sem época, um monumento nacional de primeira ordem.

Porque não fala nisso a Comissão Concelhia, à Câmara, a todos quantos com acerto contribuíram para a obra do padrão—tanto do meu agrado?

Quanto à despeza... a venda das grades dão para isso.

O assinante,—P. L.

N. da R.—Achamos bem o apêlo que nos fazem, e a quem superintende recomendamos o assunto, com aquêl mesmo interesse que o nosso illustre assinante põe na sua idea.

A música no jardim

A' redacção da «Alvorada» recomendamos um assunto: a música no jardim público! Aquilo parece um repertório de música de

aldeia. Bom seria que o sr. Soares, regente da mesma banda, se inspirasse em composições mais selectas, pois ainda há, louvado Deus, quem vá ao jardim com um ouvido feito para música. São poucos os executantes, é certo; mas com muito menos gente se fazia a reputação dum regente—se êle quizesse.

Dois apreciadores de solfa.

4 arcos voltaicos

Sr. Redactor — Deve ser tarde talvez; não quero todavia deixar de dizer-lhe que foi pena que o jornal não visse aquela posição que tomam os arcos voltaicos agora colocados às entradas de fundo no jardim público. Aquilo, em meu fraco entender, deviam ter ficado voltados para fora; seria assim mais estético, que é como quem diz, mais de harmonia com as regras da arte.

Se vir que vale a pena ainda falar no caso, pode dar publicidade a êste meu pensar.

De v. . .

A. d'A. C.

N. da R.—Tem razão a pessoa que se nos dirige, e não é pormenor insignificante o motivo do seu reparo. Se voltaram os arcos para dentro por causa de não incidir para ali a sombra da coluna, o que julgamos que teria sido mais conveniente fazer-se seria modificar-lhe a forma.

Mas... também dizemos: será tarde.

Cantina Escolar Vimearanense

Balancete mensal do estado económico da Cantina, relativo a Maio findo; alinea f) do artigo 5.º dos Estatutos:

RECEITA	
Saldo do mês de Abril:	
Na caixa económica.	450.000
Em cofre	52.250
502.250	
Importância duma quota recebida em géneros	1.000
Importância de quotas recebidas—Fevereiro	1.150
Importância de quotas recebidas—Março	5.870
Importância de quotas recebidas—Anuais	13.720
Da Comissão Executiva da Assistência Distrital.	50.000
Total da receita.	
	573.990
DESPESA	
Importância duma panela de ferro	1.850
Idem dum caixilho.	610
Idem de obra de carpinteiro	480
Pago à padaria Santos	6.625
Pago à Padaria Fernandes	4.565
Idem à mercearia	7.795
Ordenado da cozinheira	2.620
Idem da servente	1.680
Despesas diárias de cozinha	11.510
Comissão de 7 % ao cobrador	4.695
Total da despesa	
	42.430
Saldo em favor do cofre	
	531.560
O tesoureiro,	
Luiz A. de Pina Guimarães.	

A direcção da mesma cantina, em sua sessão ordinária de hoje, resolveu aumentar a 120 o número de crianças contempladas, em virtude dos justos pedidos de familias muito necessitadas e de outras assoberbadas pela crise da indústria de cortumes, atendendo ao bom estado financeiro da Cantina.

No mês passado distribuíram-se 2100 rações, das quais 1218 às crianças do sexo masculino.

REPORTAGEM

Para o policiamento da povoação de Vizela durante a época balnear, chegou na terça feira passada áquella localidade um destacamento de infantaria da Guarda Nacional Republicana de Braga, composto de um 1.º cabo e seis soldados.

Ao sr. administrador do concelho renovamos o pedido feito aqui há tempos neste jornal, para que mande policia a Rua Egas Moniz, pois é rara a noite, e principalmente aos sábados, que ali se não dão desordens.

Já foram afixados nesta cidade os cartazes annunciadores das festas baptistas, que se realizam em Braga nos próximos dias 23, 24 e 25 do mês corrente.

Inspeção Sanitária

Francisco José de Oliveira, major do quadro de reserva e chefe do Distrito de Recrutamento n.º 20, faz público que a Inspeção Sanitária dos mancebos dêste concelho de Guimarães, recensados no presente ano para o serviço nas fileiras do Exército, deve ter lugar no próximo mês de Julho e nos dias abaixo designados, pelas 10 horas:

- Dia 4—Abação (S. Cristovão), Abação (S. Tomé), Airão (S. João Baptista), Airão (Santa Maria), Aldão, Arosa e Atães.
- Dia 5—Azurém, Balazar, Barco, Briteiros (Santo Estêvão), Briteiros (S. Salvador) e Briteiros (Santa Leocádia).
- Dia 7—Brito, Caldas de Vizela (S. João Batista) e Caldas de Vizela (S. Miguel).
- Dia 8—Caldelas, Calvos, Candoso (S. Martinho), Candoso (S. Tiago), Castelões, Conde, Corvite e Costa.

Dia 9—Creixomil, Donim e Fermentões.

Dia 10—Figueiredo, Gandarela, Gémeos, Gominhões, Gonça, Gondar, Gondomar e Guardizela.

Dia 11—Guimarães, (Santa Maria da Oliveira) e Guimarães (S. Paio).

Dia 12—Guimarães (S. Sebastião), Infantas, Infias, Leitões, Lobeira e Longos.

Dia 14—Lordelo, Mascotelos, Matamá, Mesão Frio, Moreira de Cónegos, Nespereira, Oleiros, Paraizo, Pencelo, Pentieiros e Pinheiro.

Dia 15—Polvoreira, Ponte, Prazins (Santa Eufémia), Prazins (Santo Tirso), Rendufe e Ronfe.

Dia 16—Sande (S. Clemente), Sande (S. Lourenço), Sande (S. Martinho), Sande (Vila Nova) e S. Torquato.

Dia 17—Selho (S. Cristovão), Selho (S. Jorge), Selho (S. Lourenço), Serzedelo, Serzedo e Silvares.

Dia 18—Souto (Santa Maria), Souto (S. Salvador), Taboadelo, Tagilde, Urgezes, Vermil, Vizela (S. Faustino) e Vizela (S. Paio).

Quartel em Guimarães, 12 de Junho de 1913.

Francisco José de Oliveira major.

O da grande circulação

Já depois de quasi escrito e enviado para a tipografia o original dêste número, soubemos que foi suspensa, por ordem superior, a publicação da gazeta dominical dirigida e redactoriada por... rapazes. Diz-se, entretanto, que a mesma, sofismando a notificação proibitiva, já no próximo domingo surgirá, fazendo para isso uma simples alteração de título.

Não votamos regozijo pela deliberação da autoridade, se bem que os nossos sentimentos para com a referida gazeta sejam os da mais absoluta antipatia e... nojo. Não obstante isso, o nosso ideal em questão de exercicio na expressão de pensamento por meio da imprensa, seria: o máximo de liberdade pelo máximo de responsabilidade—excepção especial daqueles casos anormalíssimos de ordem pública.

E' evidente que toda a lei de imprensa resultará inútil e improficua nos seus efeitos reguladores e julgadores, enquanto a formação do júri for essa miséria que todos conhecemos. O que proclamamos, pois, como indispensável e necessário para reprimir abusos de linguagem e desmandos de lógica, não será,—pelo menos em épocas de normalidade governativa—, a censura, a apreensão ou a suspensão dos jornais, mas a constituição dum júri de selecção, um júri de competentes, um júri de qualidade.

Tudo o mais não passa de expedientes de cirurgia momentânea, que, em regra, passado o período de sujeição, só serve para atear mais as fúrias dos... desbocados, com a vantagem para eles de figurarem na folhinha como uns santos mártires de Marrocos—e algumas assinaturas a favor. Mas registemos.



Consultório dentário

FRANCISCO JACINTO

Cirurgião dentista pela Universidade de Coimbra

Tratamento e conservação dos dentes, dentaduras artificiais, coroas de ouro e dentes a pivot.

Extracção de dentes sem dor. Praça de D. Afonso Henriques, 6 (antigo Toural).

Anúncio Arrematação

2.ª Publicação

No dia 22 de Junho próximo, ás 11,30 horas da manhã, à porta do Tribunal Judicial, desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, e por virtude da carta precatória vinda da comarca de Braga, extraída dos autos de execução de sentença de acção comercial por letra que António Manuel Aires de Oliveira, daquela cidade, move contra Carlos Xavier Pimenta da Costa e Avelino dos Santos Torrinha, ambos residentes nesta comarca, se há de proceder à arrematação, em hasta pública e pelo maior lance oferecido acima da respectiva avaliação do direito e acção que os executados teem a uma oitava parte dos seguintes prédios, a saber:

Uma morada de casas, sita na rua de Dom João Primeiro, desta cidade, designada pelos números de policia 96 e 98, construída de pedra e tabique, com salas, quartos, cosinha e um pequeno rocio com três árvores. Está descrita na Conservatória desta comarca sob o n.º 16:268 do L.º B-48 a fls. 127 v.º, cujo direito e acção foi avaliado em 60\$000 réis.

A propriedade da Lourinha, sita no lugar do mesmo nome, freguesia de Ronfe, desta comarca, de natureza de praso, foreiro a António Gonçalves, solteiro, maior do lugar das Quintães, da mesma freguesia de Ronfe, e que se compõe de uma casa térrea e telhada, tendo junto terreno de horta com arvores de vinho e fruta, com um pequeno eido que tem uma ramada com esteios de pedra e ao lodo uma outra casa térrea e telhada, tendo também junto um terreno de horta com árvores de vinho e fruta e duas pequenas latadas. E' tudo junto e unido, e o foro que se paga a António Gonçalves, consiste em uma galinha, anualmente. Está descrita na Conservatória desta dita comarca sob o n.º 10:616 do L.º B-34 a fls. 66, avaliada livre do dito foro em 48\$375 réis.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos dos executados para assistirem à praça e deduzirem os seus direitos, querendo.

As despesas da praça e metade da contribuição de registo ficam a cargo do arrematante.

Guimarães, 28 de Maio de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 3.º officio,

Caetano de Faria Lima.

Casa Africana

Mercearia e Confeitaria
Chá, café e vinhos finos

— DE —

A. Ferreira de Seixas

106, Rua da República, 108

Instituto Médico-Dentario

Rua Formosa, 331 — PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR **LOPES DA SILVA** cirurgião-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentário de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

DENTADURAS COMPLETAS

(TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA

PLATINA E CIMENTO

DENTES A PIVOT

OPERAÇÕES SEM DOR

OBTURAÇÕES A OURO

COROAS DE OURO

LIMPEZA DOS DENTES

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,
João Vellozo de Araujo.

Sapataria Vimaranesense

—DE—

António José Mendes

5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)

GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezêro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

Horário dos comboios

INDICAÇÕES:—Os comboios sem designação são mixtos. As horas entre parêntesis, precedidas de P. e C., designam, entre Guimarães e Trofa, as partidas e chegadas no Pôrto; e entre Guimarães e Fafe designam as partidas e chegadas em Fafe. O percurso entre Vizela e Guimarães ou vice-versa, oscila entre 16 (combóio rápido) e 20 minutos (ordinário).

PARTIDAS

De Guimarães para a Trofa

- * 5,51—Diário. Liga, 20' depois, com o Pôrto (C. 8,56) e cruza, 1,17' depois, com o Minho (P. 7,44).
- 8,16—Idem.—Rápido. Liga, 14' depois, com o Pôrto (C. 10,30) e cruza, 16' depois, com Braga e Valença (P. 8,43).
- 10,49—Dias úteis. Liga, 36' depois, com o Pôrto (C. 13,22).
- 13,29—Diário. Liga, 1 h. depois, com o Pôrto (C. 16,39) e cruza, 11' depois, com Valença, Braga e Póvoa (P. 14,18).
- * 17,07—Idem.—Correio. Liga, 12' depois, com o Pôrto (C. 19,56); e cruza, 1 h. 19' depois, com Valença e Braga (P. 18,44); com o sul, de Campanhã, às 20,03.
- * 19,57—Dias úteis. Liga, 12' depois, com o Pôrto (C. 23,04).
- * 21,30—Domingos e dias feriados. Liga, 15' depois, com o Pôrto (C. 23,56).

Para Fafe

- 8,17—11,34, Correio.—9 e 17,52—Diários. (C. 9,13—12,28—e 18,47).
- 22—Dias úteis.—(C. 22,53).
- 10,17—e 21,36—Domingos e dias feriados. (C. 11,13—e 22,32).

CHEGADAS

Da Trofa a Guimarães

- * 8,07—Diário. Liga com o que, 44' antes, ali chega do Pôrto (P. 4,30).
- * 9,44—Dias úteis. Liga com o que ali chega do Pôrto (P. 7,26) e cruza ali, 32' antes da partida, com Valença, e Braga (C. 8,56).
- * 10,12—Domingos e dias feriados. Liga com o que, 11' antes, ali chega do Pôrto (P. 7,44).
- * 11,27—Diário.—Correio. Liga com o que, 12' antes, ali chega do Pôrto (P. 8,43) e cruza ali, 15' antes da partida, com o Minho e Póvoa (C. 10,30).
- * 17,44—Idem. Liga com o que, 1 h. 5' antes, ali chega do Pôrto (P. 14,18) e cruza ali, 16' antes da partida, com o Minho (C. 16,39).
- 19,14—Dias úteis.—Rápido. Liga com o que, 8' antes, ali chega do Pôrto (P. 17,10).
- + 21,29—Domingos e dias feriados } Ligam com o que, 12' e 29' antes, ali chega do Pôrto (P. 18,44) e cruzam ali, 1 h. 19' e 1 h. 29' antes da partida, com o Minho (C. 19,56).
- * 21,51—Dias úteis. }

De Fafe

- + 5,43—8,08, Rápido—13,21—9 e 16,58—Diários. (4,50—7,15—12,28—e 16,05).
- 21,19—Domingos e dias feriados. (P. 20,23).

Speadeiros

- * Paragem de 1' em Espinho, Madalena e Covas.
- Idem na Madalena e Covas.
- Idem na Penha e Cepães.
- Idem em Cepães.

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista **Manuel Jesus de Sousa**

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.
Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.
Desinfecção de pensos e ferros cirúrgicos pelo método de Pasteur.

Livraria editora
GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um bello, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi.—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis)

VJ. A dôr universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII e IX. Amores de Fabulas.

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, caspinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

INTERESSES NO BRAZIL

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

Ano	1\$200 rs.
Semestre	600 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "
Número avulso	30 "

Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

No Cidadão